

O Cinema
está à tua espera

CHARLIE CHAPLIN
O Garoto de Charlot



The Kid/O Garoto de Charlot

Ficha Técnica



Realizador e argumentista: Charlie Chaplin

Produção: Charlie Chaplin Productions

Fotografia: Roland Totherot

Música: Charlie Chaplin

Montagem: Charlie Chaplin

Direção Artística: Charles D. Hall

Origem: EUA

Ano: 1921

Duração: 50'

Distribuição: First National

Intérpretes principais:

Charles Chaplin, Edna Purviance,

Jackie Coogan, Carl Miller

Classificação etária:

Maiores de 6 anos

Resumo - Uma mulher, cujo único “pecado” é a maternidade, só e desalentada, vê-se a braços com um dilema: ficar ou abandonar. Credo que o melhor destino que pode dar ao seu bebé recém - nascido é deixá-lo à mercê de uma família abastada, abandona o filho numa limusina. Por ironia do destino, o carro será roubado e o bebé deixado na rua. Deste duplo abandono irá nascer uma feliz casualidade: um vagabundo de bom coração encontra o bebé e, depois da resistência inicial, decide adoptá-lo e criar a criança como se fosse sua. Cinco anos passam: a mãe da criança, ignorando o destino do filho, tornou-se uma estrela de ópera e tenta colmatar as falhas do passado com os seus atos de caridade; a criança e o vagabundo vivem juntos, formam uma família com laços estreitos, amam-se e protegem-se mutuamente, e a sua rotina e trabalho são interdependentes. Mesmo num contexto de pobreza extrema, vivem felizes, unidos, mas essa estabilidade é ameaçada no dia em que a criança adocece: os médicos e os responsáveis dos serviços sociais, ao descobrirem que o vagabundo não é o pai da criança, tentam separá-los. Após algumas peripécias, a criança é devolvida à mãe biológica; o vagabundo erra e senta-se nos degraus da sua casa, adormecendo e sonhando com um mundo onde a amizade prevalece, onde tudo é idílico e pacífico, até ao momento em que o pecado se infiltra no coração da cidade. Um polícia acorda-o violentamente, e força-o a abandonar o local. Uma vez mais o destino sorri, a todas as personagens envolvidas: o vagabundo é levado até à casa da mãe, onde se encontra a criança... O filme termina com a esperança de que estas três personagens, depois de toda a turbulência, possam encontrar tempos de tranquilidade e de felicidade, sem nunca mais terem de se separar.

O realizador

Charlie Chaplin, nascido Charles Spencer Chaplin (Inglaterra, 16 de Abril de 1889), também conhecido por Charlot em alguns países da Europa, ficou mundialmente conhecido pela sua personagem, o Vagabundo. Filho de dois artistas dos *music halls* londrinos, Chaplin foi, desde cedo, estimulado e influenciado pelo mundo do espetáculo; porém, longe dos holofotes, a realidade era outra, e a infância e primeiros anos de juventude foram vividos em completa pobreza. O pai, Charles, abandonara a família quando Charlie tinha apenas um ano de idade e viria a morrer precocemente, em consequência do seu alcoolismo; a mãe, Hanna, criava Chaplin e o seu irmão mais novo, Sydney, mas a sua saúde mental deteriorou-se avassaladoramente – Chaplin e o irmão procuraram refúgio num abrigo para crianças órfãs e começaram a trabalhar nos *music halls* para sobreviver. Aos 19 anos Chaplin associa-se a uma empresa especializada em comédia, a Fred Karno; foi graças a esta que chegou aos Estados Unidos da América, onde se estabeleceu como um promissor ator de comédia e onde viria a criar a personagem central da maioria dos seus filmes. Em 1915 Charlie Chaplin escreve, protagoniza e realiza a curta-metragem “O Vagabundo” [*The Tramp*], o filme que dá a conhecer uma das personagens mais famosas da História do Cinema; anos mais tarde, em 1966, numa entrevista dada ao jornal *The Guardian*, rememora o momento de criação do Vagabundo:



Aconteceu tudo numa emergência. O operador de câmara disse-me para por uma maquilhagem cómica, e eu não tinha a mínima ideia do que fazer. Entrei no camarim e, enquanto ia para lá, pensei “bem, vou pedir para fazer tudo em contradição – calças largueironas, casaco apertado, cabeça grande, chapéu pequeno – maltrapilho mas, ao mesmo tempo, um cavalheiro”. Não sabia como ia criar o rosto, mas seria triste, teria uma cara séria. Eu queria esconder que era cómico, então encontrei um pequeno bigodinho. E aquele bigode nem fazia parte da caracterização – isto para dizer que era bastante pateta. Ele não esconde a minha expressão.

Sem premeditação e no calor do momento, Charlie criava então a personagem que o tornou mundialmente famoso. Vemos aqui que a questão dos contrastes é um dos elementos-chave para pensarmos em Charlot: esta é uma personagem intrigante, um vagabundo (muitas vezes sem-abrigo) que vive em condições de pobreza abjeta, mas que tem modos de um autêntico *gentleman*; a forma como se apresenta é cómica, capaz de nos arrancar sorrisos, no entanto é uma personagem séria, até um pouco taciturna. Mas é no seu interior que vivem os sentimentos que melhor o caracterizam: a sua humildade, o coração meigo, a honestidade e a capacidade de sacrificar o seu bem-estar e felicidade se isso significar a bonança dos que o rodeiam. Podemos supor com alguma segurança que as condições de sobrevivência em que Chaplin se moveu durante a infância viriam a desabrochar e a encontrar voz na expressão artística: a pobreza, a fome e o contraste entre o mundo dos ricos e dos pobres são temas transversais na obra de Chaplin.



Para entendermos melhor Charlie Chaplin e o seu sucesso no mundo cinematográfico, podemos regressar à ficha técnica deste filme: ali poderemos ver que Chaplin acumulava muitas funções artísticas que, regra geral, costumam ser distribuídas por diferentes elementos. Ao convocar para si papéis tão diversos como o de ator principal, realizador, argumentista, produtor e montador, o controlo criativo sobre o resultado era praticamente total. Para Chaplin, portanto, era essencial que os seus filmes correspondessem à sua visão criativa.

Consideremos também que na Era do Cinema Mudo, na ausência de captação de som direto, a música precisava de ser pensada milimetricamente e Chaplin, consciente disso, compunha a banda musical para os seus próprios filmes. No entanto, em 1927 o som chega ao cinema: passa a ser possível gravar os ruídos e diálogos ao mesmo tempo que as imagens são filmadas; no entanto, Chaplin foi um dos realizadores que resistiu ao avanço tecnológico, optando por continuar no cinema mudo até 1940, ano de produção do seu primeiro filme sonoro, “O Ditador”. Esta resistência poderá assentar em diversos motivos, que interessará explorar: os filmes de Chaplin tornaram-se extremamente populares nas décadas de 1920 e 1930, assentando todos num estilo coerente e bem pensado que era acarinhado pelo público; a introdução de um elemento (fosse o som direto, fosse a cor) que pudesse modificar a forma como os filmes eram recebidos pelos espetadores era vista com desconfiança. Ao mesmo tempo, a construção da personagem “vagabundo” e a comicidade associada a este estavam intrinsecamente ligadas à mímica: é, portanto, compreensível que a introdução do som fosse vista com reservas, uma vez que poderia ameaçar a própria identidade de uma personagem já querida do grande público.



Análise Fílmica – Forma e Conteúdo

“O Garoto de Charlot” foi a primeira longa-metragem de Charlie Chaplin e nela se desenvolve um difícil jogo de equilíbrio entre o universo da comédia e do drama: o primeiro **intertítulo** prepara-nos para isso mesmo, ao anunciar que estamos diante de “um filme com um sorriso – e talvez, uma lágrima” [*A picture with a smile – and perhaps, a tear*]. Mais do que simples entretenimento e do que comédia física, Chaplin aborda questões extremamente sensíveis (o abandono, a pobreza, a tentativa de suicídio, o roubo, entre outros), dramatizando-as sem sentimentalismos acessórios, e conseguindo respeitar a integridade das personagens.



A picture with
a smile – and
perhaps, a tear.

“Um filme com um sorriso – e talvez, uma lágrima”

Despidas de nomes ou de atributos que as individualizem, estas personagens não são mais do que arquétipos: uma mulher, um homem, uma criança e um vagabundo, movendo-se numa história que é a deles mas que poderia ser de qualquer outra mulher, homem, criança e vagabundo. Contudo, a simplicidade não é sinónimo de ausência de interioridade: conseguimos apreender as

intenções e motivações que atravessam estas personagens, compreendemos uma certa densidade psicológica nas suas ações, decisões e hesitações.

Quando o Cinema nasce, em 1895, nasce como o podemos ver neste filme: sem som direto (mudo) e sem cor – as técnicas que permitem a captação de som durante a filmagem surgem em 1927, e os processos de revelação química da cor só chegam ao cinema em 1930.

Para a construção de uma narrativa capaz de ser lida pelo espetador, os realizadores recorriam a estratégias de comunicação que vemos reunidas em “O Garoto de Charlot”: a **encenação** (com enfoque para a mímica – uma forma de comunicação onde os estados de alma são transmitidos sem o uso da palavra escrita, oral ou sons), a **música** (cujas flutuações acompanham a ação, enfatizando os sentimentos das personagens) e os **intertítulos**: estes últimos tanto nos fornecem fragmentos de diálogos como nos apresentam as personagens ou nos ajudam a situar no tempo.



charlie
chaplin



Intertítulo que situa o espetador no tempo – esta informação é essencial para que se compreenda a evolução da narrativa.

O Cinema da Era do **Cinema Mudo** permite-nos compreender a fé absoluta que é colocada nas imagens enquanto veículo de comunicação: aprendemos aqui que é possível contar uma história, com pouco ou nenhum recurso à palavra, seja ela oral ou escrita. Observemos, a título de exemplo, um momento em que o realizador (também montador) do filme optou por intercalar duas imagens que não se relacionam no tempo e no espaço.



Sem um único comentário escrito, a **montagem** está a produzir sentido. A segunda imagem acrescenta algo à primeira, inflaciona a carga dramática e diz-nos de uma forma muito clara “esta mulher é uma mártir; vejam como sofre”...

Análise da sequência inicial - Com o nascimento do Cinema nasce também, ainda que de forma embrionária, a **linguagem cinematográfica**; em 1921 estamos a pouco mais de 20 anos de distância das primeiras imagens captadas pelos Irmãos Lumière, mas através do visionamento e análise de “O Garoto de Charlot”, podemos compreender a evolução exponencial que esta gramática própria do Cinema conheceu. Pensemos na **cena** que introduz a personagem principal deste filme:



1



2

O **intertítulo** (1) prepara-nos para a chegada do protagonista e, mal o vemos, compreendemos a carga humorística da frase “o seu passeio da manhã”; este Vagabundo não é um vagabundo qualquer e os seus hábitos são curiosos, começando pelo passeio matinal. Charlot surge ao longe (2) e a câmara está estrategicamente posicionada no local onde os ladrões abandonaram o bebé. Este é um **plano sequência** porque, embora a câmara não saia da mesma posição (há apenas um ligeiro movimento para reenquadrar o ator), anotamos duas escalas de planos: começa por ser um **plano de conjunto** (2). Ao plano de conjunto sucede um **plano médio** (3).



3



4

O **plano de conjunto** tem, aqui, uma função narrativa, uma vez que nos permite contextualizar esta personagem no espaço: o cenário indica-nos que a ação decorre num bairro muito pobre, muito sujo, onde os habitantes despejam lixo pela janela sem a preocupação de atingirem alguém; começamos por perceber a forma como o Vagabundo se veste, como caminha e, sobretudo, a indiferença com que reage à hostilidade do meio em que está inserido.

Do **plano médio** (3) passamos para um **plano de pormenor** (4) – ao aproximar consideravelmente a câmara da ação a ser filmada, somos convidados a acompanhar todos os movimentos da personagem e a consolidar as informações que já tínhamos sobre esta: verificamos que na sua elegante caixinha de metal, o Vagabundo guarda o seu precioso tabaco... que não é mais do que beatas reaproveitadas!



5



6

Cortando para um **plano americano** (5), o Vagabundo fica ainda mais próximo da câmara (e, em consequência, mais próximo de nós). Aqui, melhor do que no plano médio, podemos demorar um pouco o nosso olhar sobre esta curiosíssima personagem, o seu casaco, as suas calças, as luvas (completamente gastas e rasgadas); nesse mesmo plano há algo que desperta a atenção da personagem (6): esse **algo** encontra-se **fora de campo** e, sendo este um filme mudo, a posição do rosto e a direção do olhar do ator são essenciais para que compreendamos o que se passa – no entanto, é também verdade que neste momento do filme o espetador está consciente de que o bebé está no chão: não só assistimos anteriormente à cena em que os ladrões abandonam o bebé, como fomos ainda lembrados, no plano 3, da sua exata localização.



7



8

A passagem do plano 6 para o plano 7 ilustra a forma como dois planos podem ser ligados pelo olhar – **raccord de olhar** –, relacionando a direção do olhar de Charlot (6) com o *objeto* observado (7). Deste último plano (cuja escala é discutível, mas consideremo-lo aqui como um **plano de pormenor**, já que se trata de um elemento isolado no cenário que capta a atenção de Charlot) regressamos ao **plano médio** (verifique-se que o plano 8 e o plano 3 têm a mesma escala) onde assistiremos ao desenrolar da ação.

Nesta sequência reparamos que o Vagabundo olha diversas vezes para a câmara. Podemos compreender que Chaplin, um ator que iniciou a sua carreira nos palcos, tenha transportado para o Cinema uma relação de proximidade com o público (isto é, uma relação de contato direto e imediato) – no entanto, é de extrema importância assinalar que olhar para a câmara não é característico do Cinema Narrativo Clássico, pelo contrário: é necessário que todos os dispositivos cinematográficos sejam “invisíveis” e que não criem ruídos desnecessários que quebrem ou interpelem a narrativa. Se os olhares que o Vagabundo nos lança a nós, espetadores, são tímidos e disfarçados, o mesmo não poderá ser dito da cena em que o médico se apercebe de que o Vagabundo não é o pai da criança: esta “regra” (a do não-olhar para a câmara) é radicalmente quebrada. O seu rosto mostra-nos o espanto que sente e está, claramente, a interagir com o público, convocando-o a participar na ação.



O médico olha para nós como que perguntando “então, este não é o pai da criança?, será que vocês sabem de algo que eu não saiba?”

Filmografia selecionada

- "O Vagabundo" [*The Tramp*], 1915
- "O Garoto de Charlot" [*The Kid*], 1921
- "Opinião Pública" [*A Woman of Paris*], 1923
- "A Quimera do Ouro" [*The Gold Rush*], 1925
- "O Circo" [*The Circus*], 1928
- "Luzes da Cidade" [*City Lights*], 1931
- "Tempos Modernos" [*Modern Times*], 1936
- "O Grande Ditador" [*The Great Dictator*], 1940
- "O Barba Azul" [*Monsieur Verdoux*], 1947
- "Luzes da Ribalta" [*Limelight*], 1952
- "Um Rei em Nova Iorque" [*A King in New York*], 1952



Referências bibliográficas

Arbat, Carles e Luque, Luis - *Chamo-me... Charles Chaplin*, Didáctica Editora (Lisboa, 2007)
 Chaplin, Charlie - *My Autobiography*, Ed. Penguin Books (Londres, 2003)
 Robinson, David - *Chaplin: His Life and Art*, Ed. Collins (Londres, 1985)
 W. Paiva, Marcelo - *Chaplin por ele mesmo*, Ed. Alvorada/Martin Claret (São Paulo, 2004)
 Ackroyd, Peter. *Charlie Chaplin*, Ed. Chatts & Windus (Londres, 2014)
 Weissman Stephen - *Chaplin: Os Primeiros Anos*, Editorial Bizâncio (Lisboa, 2012)

Sites

Charlie Chaplin – Association Chaplin
www.charliechaplin.com
 Charlie Chaplin Archive
www.charliechaplinarchive.org
 Chaplin Museum (abertura prevista para 2016)
www.chaplinmuseum.com

Para outras referências, enviar *mail* para:
pnc@dge.mec.pt

Sugestões de atividades pedagógicas

- Para refletir sobre a mímica enquanto forma de comunicação, um aluno (ou um grupo de alunos) poderá criar uma história e encená-la para a turma; não poderá fazer uso da palavra escrita, falada e evitar sons. Será que conseguem comunicar a ação, sentimentos e pensamentos da personagem? O exercício pode ser filmado para posterior análise/debate.
- Para explorar a complexidade de emoções convocadas no filme e a articulação entre comédia e drama: o que é que te fez rir neste filme? Que outros sentimentos foram despertados?
- Para conhecer Chaplin através dos olhos de outros cineastas: em 1992, Richard Attenborough realizou a longa-metragem “Chaplin”, um filme biográfico que pode ser usado para conhecermos melhor a vida deste artista multifacetado.

